



ModaPalavra e-periódico

E-ISSN: 1982-615X

modapalavra@gmail.com

Universidade do Estado de Santa
Catarina
Brasil

Cardim, Valter Carlos

O Chiado De Outrora, O Chiado de Agora : Difusão da Moda, Urbanização e
Revitalização de Zonas Históricas

ModaPalavra e-periódico, núm. 20, julio-diciembre, 2017, pp. 69-83

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514054177005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**O Chiado De Outrora, O Chiado de Agora: Difusão da
Moda, Urbanização e Revitalização de Zonas Históricas**
*Chiado Of Once, Chiado Of Nowadays: Fashion Diffusion,
Urbanization and Revitalization of Historic Areas*

Valter Carlos Cardim

Doutor, Universidade Europeia

valter.cardim@gmail.com

O Chiado De Outrora, O Chiado de Agora: Difusão da Moda, Urbanização e Revitalização de Zonas Históricas

Chiado Of Once, Chiado Of Nowadays: Fashion Diffusion, Urbanization and Revitalization of Historic Areas

Valter Carlos Cardim

Resumo

Ao estudarmos a Moda e o seu desenvolvimento histórico em Portugal nos séculos XIX e XX, a nível do desenvolvimento de uma tese de doutoramento, verificou-se que o Chiado, bairro situado em Lisboa, foi de extrema importância para a disseminação da Moda em Portugal. O Chiado, no passado, era frequentado pelas classes mais abastadas de Lisboa, pela nobreza, aristocracia, burgueses, intelectuais e políticos. Ao longo dos anos passou por diversas fases: no passado como centro de difusão do luxo; após a Revolução de 25 de Abril de 1974 e ao grande incêndio que ali ocorreu em 1988, pelo declínio, e, recentemente, devido a revitalização urbana ali realizada, a um renascimento. O Chiado não deixa de ter, apesar da abertura de vários Centros Comerciais, da mudança das principais marcas de luxo do Chiado e redondezas para a Avenida da Liberdade, uma importância ímpar para os seguidores da Moda e os amantes do luxo.

Palavras-chave: Chiado, Difusão da Moda, Urbanização em Lisboa

Abstract

On the context of a doctoral thesis' development, as we studied Fashion and its historical development in Portugal during the 19th and 20th centuries, we identified Chiado - a district located in Lisbon - as an extremely important focus point for the dissemination of Fashion in Portugal. In the past, Chiado was frequented by the wealthiest classes of Lisbon – namely the nobility, the aristocracy, the bourgeois, as well as by the intellectuals and the politicians. Over the years, Chiado has undergone several phases, as follows: in the past, this zone was a center of diffusion of luxury; however, the decline occurred after 25 April 1974's Revolution and the great fire that took place in 1988. Recently, the urban revitalization gave birth to an atmosphere of renaissance. Despite the opening of several Shopping Centers and the shifting of the main luxury brands to Avenida da Liberdade, Chiado still preserves an unparalleled importance both for followers of fashion and luxury lovers.

Keywords: Chiado, Diffusion of Fashion, Urbanization in Lisbon

1. O Chiado de Outrora

Ao longo de sua história, o Chiado¹ teve uma posição marcante na difusão da moda em Lisboa e Portugal. No passado, era sobretudo frequentado pelas classes sociais que possuíam um elevado poder de compra, bem como pelos intelectuais e artistas, que o elegiam para os seus momentos de convívio. Muitos eram os estabelecimentos ali situados, cada um com o seu público específico.

Mario Costa assinala que esta zona da cidade havia ganho fama de grande burgo, e, até, de condado; segundo o mesmo autor, tudo se passava no Chiado, e todos o tinham como referência, tendo sido o grande inspirador de Eça de Queirós no que diz respeito à criação de muitas dos personagens dos seus romances (Costa, 1965, p. 175). Mario Costa descreve igualmente a vida quotidiana da gente elegante que frequentava o Chiado, a fisionomia das principais casas de comércio, o ambiente belicoso dos cafés, dos clubes seletos, das muitas casas ligadas à moda e à beleza, entre as quais, a Luvária que pertenceu a Malbouisson & Preud Homme, de data anterior a 1848, o armazém Barella e os perfumes da Bénard e do Robert (Costa, 1965, p. 17, 149, 167, 252). Com efeito, o Chiado foi tema de vários escritores e estudiosos portugueses.

Ao falar sobre o Chiado, Rodrigo Velloso (1911, p. 101-102) relata todo o circuito, bem como o tipo de vida que se desenvolvia ao redor desta zona, debruçando-se em particular sobre as senhoras que a frequentavam. Segundo Velloso, as damas de Lisboa – numerosíssimas – passeavam-se pelas ruas da Baixa, em especial e determinadamente pelas ruas do Chiado, nomeadamente pela rua do Carmo e pela Rua do Ouro. Em tempos mais recentes, passaram a dar preferência às ruas onde estava estabelecido o comércio mais importante da capital, a saber: a Casa Africana, o Mandarin Chinês, os quatro da Casa dos Arco”, e ainda a rua Augusta.

O Chiado, segundo José-Augusto França (1974, p. 355, 356), era um local mundano onde se situavam os clubes aristocráticos, abarcando os palácios do conde de Farrobo e do Barão Manuel dos Contos, o Grémio Literário, as três igrejas – que eram frequentadas por elegantes devotas – uma fonte famosa, a Ópera de São Carlos, bem como os hotéis mais cotados, os restaurantes de cozinheiros Franceses, as pastelarias e os cafés Italianos, os alfaiates Alemães e as modistas de idêntica origem – da nacionalidade do príncipe-consorte – e ainda as livrarias.

No Chiado e em algumas outras zonas da baixa Lisboa existiam, no sector do comércio documentados na escrita de Mario Costa (1965, p. 250) - muitos estrangeiros. Na verdade, em certas áreas da cidade, nessa época, vivia-se como se se estivesse em Paris. As lojas eram francesas, os comerciantes eram franceses, os cafés possuíam as mesmas características dos cafés em França, e os produtos eram, na sua maioria, franceses. Era nos cafés – tidos como um verdadeiro fenómeno urbano – que decorriam os encontros, as trocas de informações e os debates.

Lady Jackson em escritos datados de 1873, analisados nos anos de 1960 por Mario Costa (1965, p. 250), fez observações criteriosas sobre o Chiado. A autora compara as lojas de qualidade que existiam no Chiado com as da *Bond Street*, realçando que muitas delas comercializavam tecidos Suíços e Ingleses, produtos de França e Inglaterra, e *lingeries* de Paris. Nas suas observações, Lady Jackson constata igualmente que, às portas e no interior dos cafés localizados no Chiado, pululava uma verdadeira tribo de vadios e janotas - os *dandies* de Lisboa. Estes homens assumiam uma postura masculina requintada, e cuidavam da sua aparência com extrema minúcia. Esta autora salienta que o “dandismo” no Chiado, em 1900, era visto como uma instituição que fazia parte integrante do quotidiano desta zona, em jeito de *avant scene* de todas as representações da vida nacional. Este era igualmente um dos por onde locais onde caminhavam as meninas solteiras, sempre acompanhadas, exibindo os seus ricos vestuários, confeccionados com tecidos de cores exuberantes, obedecendo à última moda publicada no mais recente jornal de Modas. Por outras palavras, no início do século XX era no Chiado que a alta-roda da sociedade alfacinha se exibia.

Na verdade, a zona do Chiado abrangia as ruas transversais contíguas, alcançando as ruas do Carmo e do Almada, à rua Rua do Ouro, a Rua Augusta, o Rossio, o Jardim da Estrela e São Pedro de Alcântara. A alta-roda alfacinha exibia-se em toda esta região. Paulo Guinote e Rosa Bela Oliveira (1966, p. 51-52), assinalam eloquentemente: “tudo isto é Chiado”. Segundo estes autores, Lisboa é a cidade que lê, relê, toma chá e café, compra e recompra, passa e repassa - de baixo para cima e de cima para baixo - num vaivém mundano - imperdível e contagiante - que vai à missa do Loreto, à Ópera do São Carlos, e, a determinadas horas, fica simplesmente a ver passar mulheres bonitas.

O Chiado também foi o local escolhido por M.me Brouillard, uma quiromante que não se cansava de anunciar os seus serviços nos principais periódicos da altura. Em 1913 já era bastante conhecida, e em 1921 ainda fazia larga publicidade (Costa, 1965, p. 316).

Fialho d'Almeida (1903, p. 29) considerava o Chiado como uma “instituição gomosa”, onde se exibiam as raridades do *sport* e a fina essência da elegância, e onde os “ephebos” queimavam os seus primeiros charutos à porta do Baltresqui e do Magalhães.

Carlos de Moura Cabral (1912, p. 21) assinala que o Chiado e a baixa Lisboa possuíam um grande movimento durante o dia. Com efeito, estes eram os locais por onde circulavam carruagens com mulheres elegantes e bem trajadas, oficiais de alto gabarito, nobres, aristocratas, reis, rainhas, janotas e intelectuais. Segundo Alfredo Gallis (1910, p. 89-90), depois da meia-noite o Chiado também era palco de grande movimentação de trens e automóveis que conduziam as pessoas que regressavam dos teatros, elegantemente trajadas de acordo com os ditames da última moda. Gallis assinala ainda que:

Passam pelo Chiado bonitas mulheres com os cabelos bem penteados envoltos em echarpes de “tulle” branco, azul e côr de castanha, arregaçando as saias de renda e seda para que, através das meias pretas arrendadas, se lhes veja os pés bem calçados e a alvura dos tornozelos; as mais garridas preferem os sapatos de pelica branca e meias da mesma cor, isentas de qualquer mácula, deixando no ar uma sedução de deliciosas alvinitências. Algumas revelam no olhar amortecido os começos da sonolência; mas as mais animadas e robustas caminham ligeiras, conversando e rindo umas com as outras, ou com os homens a quem davam o braço (Gallis, 1910, p. 89-90).

Era também no Chiado e redondezas que estavam instalados os principais alfaiates, cabeleireiros, modistas e costureiras, na sua maioria Franceses. Muitos anúncios que nesta altura eram publicados pelas casas de moda e de beleza, punham em evidência a presença de profissionais estrangeiros, ou de produtos provenientes do estrangeiro, com o objetivo de atraírem mais clientes. Dentre elas, destacam-se duas muito importantes no panorama da moda portuguesa: os Armazéns Grandella e os Grandes Armazéns do Chiado (Costa, 1965).

Foi igualmente no Chiado que se estabeleceu a célebre modista Madame Levillant, que exibia o rótulo de Fornecedora da Casa Real, a Aline, a Madame Marie, a Madame Elisa, a célebre Lombré e a “aventurosa” Josefina Neuville. Segundo António de Sousa Bastos (1947, p. 188) a invasão de figurinos e fazendas estrangeiras foi o principal motivo pelo qual muitas modistas e alfaiates estrangeiros

se estabeleceram em Lisboa, e sobretudo no Chiado. António de Sousa Bastos apelidou-os de “afamadas sacerdotisas da deusa Moda”. Bastos sublinha ainda que a crescente invasão de modistas estrangeiras atraiu igualmente uma série de alfaiates, sapateiros e chapeleiros, dentre os quais se destaca, segundo ele, o Hauteville e o Ursprung, da Rua do Ouro, o Keil, da Rua Nova de Almada, o Starch e o “Krug”.

No final do século XIX e início do século XX tinham se estabelecido nas ruas da baixa Lisboa luxuosas chapelarias para senhoras, sapatarias e alfaiatarias, muitas delas pertencentes a industriais portugueses. Em 1910, as sapatarias nacionais tinham-se proliferado por toda a cidade.

Muitas casas da baixa Lisboa e do Chiado ganharam notoriedade por serem frequentadas por pessoas bastante conhecidas no meio social. Os poetas Bocage, Pato Muniz, Binagre, Malhão, Rocha, Santos Silva e D. Gastão, entre outros, eram frequentadores assíduos do botequim das Parras. Na Semana Santa, o Chiado ganhava outra tonalidade. As comemorações religiosas que se realizavam nas três igrejas exigiam que as senhoras “elegantes” se vestissem de preto. Nesta ocasião, o Chiado ficava completamente lotado (Costa, 1965, p. 316).

Segundo o artigo de Chevalier D’eon (Encyclopedia da Mulher n.º 2, 1917), durante a Primeira Grande Guerra a última moda continuou a ser apreciada principalmente no Chiado e na Baixa Lisboa, locais frequentados sobretudo pelas classes mais abastadas e pelos intelectuais. Era nesta região da cidade que passavam as mulheres mais elegantes de Lisboa.

Foi em pleno Chiado que Mário Domingues (1929) desenvolveu todo o cenário da sua novela “O Preto do Charleston”, na qual descreve a vida de duas personagens – duas senhoras elegantes – bem como os locais preferidos que frequentavam, abordando igualmente os costumes franceses que imperavam nessa zona da cidade, entre outros aspetos.

João Ameal e Luiz d’Oliveira Guimarães descrevem os diversos Chiados que existiam no Verão de 1924: o Chiado da manhã, o Chiado intervalo, o Chiado máximo, o Chiado da maledicência, dos grupos irónicos e dos noctâmbulos. Estes autores também fazem referência às senhoras manequins que desfilavam pelo Chiado, às montras, aos cafés, etc., classificando o Chiado como uma academia. No seu entender, as alfacinhas vestiam-se exclusivamente para ir ao Chiado.

O periódico “A Semana Illustrada” (n.º 1, 1927, p.12), no artigo “Como Lisboa Progride – Cidade de Encantos”, realçou a importância do Chiado para a cidade de Lisboa, preconizando que as ruas da Baixa, grandiosas e berrantes de cor e movimento, não tardassem a rivalizar, numa lufada de bom vento Europeu, a tão falada *Rue de la Paix* em Paris. Segundo este mesmo artigo, passar pelo Chiado significava depararmo-nos com lojas amplas, com portas bem rasgadas, com montras imponentes que exibiam artigos continuamente renovados, e prendiam habilmente a atenção do público.

Em 1925, o periódico ABC publicou uma série de artigos sobre o Chiado, com algumas ilustrações que retratava a vida quotidiana desta zona. O primeiro artigo da série analisava a vida no Chiado pela manhã, quando o ambiente começava a animar-se e as ruas começavam a ser trilhadas por pés delicados e contempladas por belos olhos femininos. Era também pela manhã que os escritórios comerciais abriam as suas portas e as costureiras iniciavam o seu dia de trabalho, etc. O segundo artigo fazia referência às pernas que se viam passar no Chiado, afirmando que “no Chiado passam todas as pernas de Portugal”. Segundo este mesmo artigo, o Chiado tornou-se “um verdadeiro museu de pernas vivas”. O artigo ressalta ainda que em meados da década de 1920, a mulher já usava saias bem mais curtas. Certos cronistas de moda aproveitavam-se desta moda para analisar de forma irónica o tipo de pernas das mulheres que passavam pelo Chiado, “pernas de ‘burguesinhas’, de costureiras, de bailarinas, etc.” (ABC nº275, 1925, p. 19).

O artigo “O Chiado Elegante” também se debruça sobre esta zona da cidade, salientando que, além do Chiado que se podia observar à vista desarmada, havia um outro Chiado que era mundano, elegante, e requintado - um Chiado que se manifestava entre as quatro e as seis da tarde. Era a essa hora do dia que muitas mulheres saíam das *matinéés* elegantes dos cinemas de Lisboa, enquanto outras vinham propositadamente tomar chá e ver a cidade através dos vidros dos seus automóveis (ABC n.º277, 1925, s.p.).

Por ser um dos locais mais interessantes de Lisboa depois das cinco da tarde, a Praça dos Restauradores também foi alvo de uma atenção especial. Após esta hora, os Eléctricos das avenidas novas passaram a ter este local como ponto de partida, motivo pelo qual a Praça deixou de ser um lugar histórico para, segundo o periódico ABC, se tornar uma zona moderna, verdadeiramente contemporânea. Com efeito, a circulação dos eléctricos e de tantas mulheres “formosas” que

regressavam às suas casas após os seus passeios pela Baixa Lisboeta trouxeram uma nova vida a este ponto da cidade (ABC n.º279, 1925, s.p.).

Outro local da cidade bastante frequentado pela sociedade elegante no período da tarde era a Rua do Ouro, situada na Baixa Lisboeta. Era na rua do Ouro que o alfacinha elegante se punha a ver as mulheres no *trottoir* (ABC n.º280, 1925, p. 14-15). As escadinhas de Santa Justa eram outro ponto de concentração. Como as mulheres ali convergiam ao encaminharem-se para o Chiado ou para o elevador, os rapazes elegantes estacionavam na encruzilhada, onde passavam as tardes, de gabardina no braço e cigarro petulante nos lábios, a contemplar o panorama. Este local da Baixa, tal como o Chiado, inspirava muitos artigos dos jornais da época, que eram publicados principalmente nas colunas de moda e da vida mundana. (Civilização, 1929, p. 105).

Em 1939, o Chiado era tido como a única calçada de Lisboa que as mulheres subiam de propósito e a sorrir. Era neste local que decorria a hora-revelação, momento em que se exibia a beleza dos vestidos e decorriam as conquistas amorosas; em suma, o Chiado era o palco da parada de vaidades (Modas e Bordados n.º1435, 1939, p. 5). Contudo, apesar da moda ser apreciada no Chiado, os seus ditames emanavam de Paris, mesmo durante a Guerra, conforme anunciavam os periódicos femininos desta época.

Em Lisboa, o Chiado continuou a ser o palco da moda, mesmo durante o período da 2ª Guerra. Segundo Cristiano Lima, o Chiado era, ainda, o local onde predominava essencialmente a elegância feminina, onde se localizavam as lojas consagradas à elegância, e onde, duas vezes ao dia, se viam centenas e centenas de costureiras, graciosas e humildes, a caminho do trabalho, de manhã, e de regresso a casa ao fim da tarde (Eva n.º 835, 1941, p. 30-31). Ainda segundo este autor, de toda esta Lisboa grande e dispersa, o Chiado, tal como a rua do Ouro, manteve fiel e intacto o encanto que lhe emprestava o seu interminável desfile de mulheres bem vestidas. A qualquer hora do dia, este circuito era o mais aristocrático, não pelos seus prédios antiquados e medíocres, mas pela sua concorrência, que tanto seduzia os olhos dos homens...

Segundo Olavo D'Eça Leal, o Chiado continuou a ser um local de referência para os Lisboetas no pós-Guerra, tal como em épocas anteriores. Para este autor, o Chiado, em 1946, era uma vitrine onde Lisboa inteira fingia fazer o que não faz, onde todas as verdades pareciam mentiras, sendo certo que as mentiras

não iludem ninguém; onde havia flores, cintas *Pompadour*, camisas de seda ou de chita a serem vendidas aos preços de camisas de seda, perfumes sem preço, joias e bijuterias tão dispendiosas como joias; por outro lado, o Chiado era o local onde se desenvolviam as atividades culturais frequentadas pelas classes mais abastadas e onde se localizavam os melhores e mais chiques estabelecimentos comerciais: o Benard, o Leitão das Pratas, o esnobe São Luiz, a Havaneza, os Davids, a Estrela Polar, o Ramiro Leão, o café da Brasileira, o Simões dos vinhos, o Lopes das Flores, o Leitão das Joias e a Livraria Bertland (Eva n.º 899, 1946, p. 14-15).

A partir de 1960, o Chiado continuou a ser o principal ponto de encontro e a principal referência para os seguidores da moda, conforme nos relata Milai Ferreira no seu texto “Chiado Acima... Chiado Abaixo...”, bem como outras publicações da época. (Seleções Femininas n.º 148, 1967, p. 51-52).

2. O Chiado de Agora

A mística em torno do Chiado perdurou por muito tempo, acabando por ser fortemente abalada após o incêndio que ali decorreu a 25 de Agosto de 1988, e posteriormente, já nos anos 90, com o surgimento dos grandes Centros Comerciais.

O incêndio que destruiu vários edifícios do Chiado em 25 de Agosto de 1988 pôs fim a uma situação que já se arrastava desde a Revolução de 25 de Abril de 1974. A Revolução determinou o desaparecimento da clientela e dos assíduos frequentadores do Chiado. Foi o derradeiro golpe no histórico Chiado. D. Albertina Marques, proprietária da loja Modas, declarou recentemente em entrevista ao jornal Público: “antes do 25 de Abril o Chiado era o local de Lisboa onde estavam instalados os estabelecimentos mais elegantes e caros”. Foi uma época em que só não se ganhava mais dinheiro porque os estabelecimentos encerravam às dezanove horas (Pública, Público, 1996, p. 22-29).

O Sr. Alfredo da Silva Pereira, proprietário da Ourivesaria Aliança, declarou ao mesmo jornal: “O 25 de Abril fez com que as lojas tivessem a sua primeira quebra com o desaparecimento da clientela do luxo”. Segundo o comerciante, a pequena decadência do local determinou o aparecimento de outro tipo de público, que já não se vestia de propósito para ir ao Chiado, apresentando-se de qualquer maneira. Para o Sr. Alfredo da Silva, o sinal da decadência manifestou-se igualmente na transformação operada principalmente nos Armazéns do Chiado, que, na sua opinião, se tornaram uma grande feira. Quando a situação começou a

dar mostras de mudança, com o regresso dos clientes de outrora, embora o ambiente estivesse ainda um pouco degradado, veio o incêndio (Pública, Público, 1996, p. 24).

No seu artigo intitulado “O Fim do Mito”, Daniel Oliveira salienta que, na época do incêndio, o Chiado, esquecido por todos, estava a definhar, existindo apenas na memória das pessoas, pois as senhoras chiques deixaram de subir e descer a Rua Garrett para fazerem as suas compras, e passaram a dar preferência à Avenida de Roma (Vida Mundial, 1998, p. 28-43). Depois do incêndio, sobreveio um longo período de reconstrução. As obras de recuperação do Chiado prolongaram-se por vários anos (Expresso, 1998, p. 28-37; Expresso, 1998, p. 89-95). Entretanto, novas lojas e cafés foram-se instalando no Chiado, embora, para muitos, ainda faltasse bastante para que esta zona da cidade tornasse a ser o local mais refinado da cidade. O mito continua ainda para os portugueses com mais idade (Expresso n.º 1356, 1998, p. 1)

Outro fator importante a considerar foi a migração da população para os Centros Comerciais, que determinou o declínio do comércio tradicional. Em Lisboa, essa reação decorreu logo após a instalação do Centro Comercial Colombo, em Setembro de 1985. Com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, no final de 1997 os comerciantes da Baixa Lisboeta lançaram a revista trimestral Baixa Quatro Estações, que foi amplamente distribuída pela população, sendo incluída no jornal Público. A revista divulgava as principais lojas da zona do Chiado, bem como outras atrações disponíveis para a população que aí se deslocasse. (Pública, Público, 1998).

Contudo, embora o Chiado mantivesse a fama de local onde o luxo havia imperado no passado, nem todos os grupos internacionais que se instalam nessa zona após a sua recuperação conseguiram ter sucesso. Foi o caso da marca Versace, que fechou a sua loja pouco tempo depois de se instalar no Chiado, tal como a Torrente, que também deixou o mercado português (Antunes, Expresso, 1998, p. 10). A estes, mais recentemente juntou-se o caso de insucesso do grupo francês Printemps, que também se instalou no Chiado, num dos prédios recuperados após o incêndio. O seu encerramento definitivo ocorreu em Agosto de 1998. O espaço foi então adquirido pelo grupo português Sonae (Caderno de Negócios, Expresso, 1998, p. 6). Os comerciantes deste local da cidade não paravam de se queixar, tendo em conta que as obras de recuperação desta área da

cidade continuavam, em grande parte, incompletas. O artigo de Isabel Braga intitulado “De Volta ao Chiado” salienta que as grandes lojas de renome internacional que se instalaram nos novos edifícios do Chiado estavam a fazer muito pouco negócio, alegadamente devido às obras que estavam a eternizar-se (Pública, Público, 1996, p. 22-29).

A inauguração de novos espaços destinados ao comércio e serviços em Lisboa atraiu novas marcas internacionais, que têm vindo a ocupá-los. A partir de 1980, essas mudanças – tanto no âmbito da moda como da conjuntura geral – começaram a processar-se na sociedade portuguesa, ao mesmo tempo que os referenciais e valores até então predominantes inauguraram um nítido processo de viragem.

As grandes campanhas que têm vindo a ser realizadas trouxeram uma nova vida à Baixa, ao Chiado e ao Bairro Alto, proporcionando aos Lisboetas e aos turistas a possibilidade de usufruírem de lojas topo de gama.

A partir de 1990, todo este processo de mudança se acelera em grande escala, chegando mesmo a dar um salto brutal a partir de 1995. O evento “Lisboa Capital Europeia da Cultura” constituiu um grande contributo, catalisando o desenvolvimento cultural não apenas da cidade de Lisboa, mas também das demais regiões do país (Viva Amoreiras, 1995, p.8-9). A preparação para a Exposição Mundial de 1998 implicou a recuperação de espaços degradados que, ao serem reabilitados, acabaram por ser colocados no mercado imobiliário. Estes dois grandes eventos abriram novos horizontes culturais para a sociedade portuguesa, e contribuíram para que o país passasse a integrar a rede do consumo cultural internacional. A moda fez parte de todo esse processo, e destacou-se, tendo em conta que desencadeou a criação de emprego, a entrada de divisas e a ativação do comércio. Uma grande quantidade de lojas abriu as portas a partir de 1995. O design de moda passou a ser valorizado e consumido pelo público (Pública, Público, 1997). A cidade do Porto, que foi Capital Europeia da Cultura em 2001, veio ativar este mesmo processo na região Norte do país (Expresso, 1998, p. 10).

3. Conclusão

Ao longo da história o Chiado marcou passos importantes para a Moda em Portugal. Foi no Chiado que, paulatinamente, se desenvolveu e culminou a *Belle Époque* portuguesa, encerrando um ciclo, que se iniciou com o regresso da Corte do

Brasil em 1821, com a proclamação da primeira Constituição Portuguesa, promulgada em 1822, pré-anunciando outro após a *Belle Époque* e a Primeira Grande Guerra.

A história do desenvolvimento do Chiado como centro de difusão da moda e da sua decadência constitui um bom exemplo de como se desenvolve o jogo urbanístico contemporâneo. A instalação de inúmeros novos espaços faz com que a cidade seja dotada de vida, mas também de morte. Determinados bairros decaem, enquanto outros nascem ou renascem.

A alocação das lojas de moda em certas zonas das cidades contemporâneas tem demonstrado ser um processo bastante dinâmico. Com efeito, as marcas não medem esforços para atrair a atenção do público-alvo. Elegem localizações previamente estudadas, contribuindo, assim, para uma transformação significativa da cidade em termos de arquitetura e urbanismo. Em Portugal, esta regra também foi amplamente seguida, nomeadamente nos dois principais centros urbanos, Lisboa e Porto. Comércio e serviços buscaram localizações estratégicas nestas duas cidades. Ao ocuparem zonas específicas do espaço urbano, implantando-se massivamente, ocasionaram uma saturação que a realidade populacional urbana não tinha capacidade de assimilar. Esse dinamismo urbano, que ocorre principalmente nestes dois polos, tem atraído cada vez mais a população de outras regiões do país, acelerando, assim, a urbanização. Por outro lado, desencadeou uma transformação radical e brusca que, por sua vez, acarretou uma alteração significativa ao modo de vida de grande parte da população, que perdeu qualidade de vida.

A inserção de Portugal na estrutura económica europeia ocasionou igualmente mudanças ao nível do sistema empresarial Português, nomeadamente no âmbito do vestuário; porém, nem todas essas mudanças foram positivas.

A partir de meados da década de 1990, muitas marcas internacionais começaram a suspender as encomendas que mantinham junto às empresas de confecção portuguesas, passando a dar preferência às Repúblicas Bálticas e aos países do Oriente, devido ao baixo custo da mão-de-obra destas regiões, que apresentavam produtos com melhor acabamento a preços muito inferiores aos que se praticavam em Portugal (Expresso, 1995, p. 3).

Estes fatores alteraram profundamente a estrutura económica portuguesa. Por outro lado, o setor de confecções em malha conseguiu ampliar os

seus negócios, em parcerias desenvolvidas com empresas e marcas estrangeiras (Expresso, 1998, p. 46-57).

De salientar que a Revolução de 25 de Abril não trouxe somente a democracia para Portugal; com efeito, ela trouxe também, em simultâneo, a democratização do traje, que foi assimilada de forma gradual. O segmento mais jovem da população foi o que aderiu com maior ênfase, em massa, ao circuito de consumo da moda, a partir da década de 1990. Entretanto, novos nichos de mercado foram sendo incorporados neste universo (Expresso n.º 1341, 1998, p. 30-31).

Destaca-se ainda o fato de algumas lojas topo de gama se terem deslocado para a Avenida da Liberdade, enquanto outras, que ainda não tinham um ponto de venda em Lisboa, se instalaram em definitivo na mesma Avenida, atualmente classificada como uma das 10 avenidas mais caras das cidades globalizadas. Apesar desta grande transformação, algumas marcas importantes continuam ainda a apostar no Chiado.

O Chiado é, ainda hoje, um dos mais importantes da cidade, tanto para os Portugueses como para o grande número de turistas que visitam Lisboa. É ali que se localizam ainda algumas marcas bastante conhecidas, é uma das zonas onde decorre anualmente o evento “Vogue Fashion's Night Out”. Marcas que atendem um público mais jovem continuam a apostar nesta região da Cidade: a H&M, a Zara, a Salsa Chiado e a Hermès. Alguns ateliers de criadores de Moda também se localizam ali, entre os quais, José António Tenente, Storytailors, Manuel Alves e José Manuel Gonçalves.

Notas:

¹ Segundo a Associação “Valorização Chiado”, o Chiado, Bairro histórico de Lisboa, nasceu no Séc.XII, numa das sete colinas de Lisboa. Na primeira metade do Séc. XIX, o Chiado viveu tempos turbulentos – animado durante as invasões francesas e a ocupação inglesa. A partir de 1833 instalavam-se no Chiado, poetas e escritores, políticos e artistas, a alta sociedade e a burguesia, e emergiam bibliotecas e academias laicas, clubes e cafés, teatros e can-cans. Afirmava-se o Chiado moderno dos românticos e progressistas do Séc. XIX, e dos intelectuais do Séc. XX.

² Segundo o Guia da Cidade, a baixa de Lisboa, também conhecida como Baixa Pombalina ou Lisboa Pombalina foi edificada por ordem do Marquês de Pombal, na sequência do terramoto de 1755. Situa-se entre o Terreiro do Paço, junto ao rio Tejo, e o Rossio e a Praça da Figueira, e longitudinalmente entre o Cais do Sodré, o Chiado e o Carmo, de um lado, e a Sé e a colina do Castelo de São Jorge, do outro. <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-baixa-de-lisboa-22511>, consultado em 29 de Maio de 2017.

³ Termo utilizado para designar os habitantes naturais de Lisboa. A origem do termo não está clara etimologicamente. A sua primeira referência clara surge em meado do século XIX, na obra “Viagens na Minha Terra” (1846) de autoria de Almeida Garrett.

⁴ M.me Brouillard, quiromante bastante conhecida que atendia as classes mais abastadas de Lisboa. O seu gabinete era visitado, principalmente, pelas seguidoras da Moda.

Referências

- AVCHIADO. **Associação de Valorização do Chiado**. Disponível em: <<http://www.visitchiado.com/O-Chiado/Historia>> acesso: 28 de maio de 2017.
- AMEAL, João e GUIMARÃES, Luiz d'Oliveira. **O Chiado - Verão de 1924**, Lisboa: Edição de Francisco Xavier d'Oliveira Guimarães, 1924, s.p.
- ANTUNES, Conceição. O Comércio Chic, in **Expresso**, 1998, p. 10.
- As pernas do Chiado in **ABC** n.º 275, 1925, p 19.
- As Tardes da Rua do Ouro in **ABC** n.º 280, 1925, p. 14-15.
- A Praça dos Restauradores, a Hora do Electrico in **ABC** n.º 279, 1925, s.p.
- O Chiado Elegante in **ABC** n.º 277, 1925, s.p.
- BASTOS, António de Sousa. **Lisboa Velha: Sessenta Anos de Recordações (1850 a 1910)**, Lisboa: Oficinas Gráficas da Câmara Municipal de Lisboa, 1947.
- BRAGA, Isabel. De Volta ao Chiado in **Pública, Público**, 1996, p. 22 a 29.
- CABRAL, Carlos de Moura. Das 5 às 7, in **Lisboa Alegre, Aspectos, Typos, Costumes, Episódios**, Lisboa: A Editora Limitada, 1912.
- COSTA, Mário. **O Chiado pitoresco e elegante**. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1965.
- Modas in **Civilização**, 1929, p. 105.
- D'ALMEIDA, Fialho. **Lisboa Galante, Episódios e Aspectos da Cidade**, 2ª Edição, Porto: Livraria Chardron, 1903.
- D'EON, Chevalier. A Moda in **A Moda Elegante – Encyclopedia da Mulher** n.º 2, 1917, s.p.
- DOMINGUES, Mário. **O Preto do Charleston**, Lisboa: Livraria Guimarães & C.ª, 1929.
- A Hora do Porto, in **Expresso**. 1998, p. 10.
- A Ruína do Carmo, in **Expresso**, 1998, p. 89-95.
- Dos 8 aos 80, Os Caminhos da Moda in **Expresso** n.º 1341, p. 30-31. snt.
- Made in Portugal: O Adeus às Marcas in **Expresso**, 1995, p. 3.
- Um Desenho Inacabado; Memória de Uma Tragédia in **Expresso**, 1998, p. 28-37.
- FERREIRA, Milai. Que Saudade! E Chiado Acima... Chiado Abaixo... in **Seleções Femininas** n.º 148, 1967, s.p.
- FIEL, Jorge. As Malhas do Sucesso in **Expresso**, 1998, p. 46-57.

FRANÇA, José-Augusto. **O Romantismo em Portugal**, Vol. 2, 1ª edição, Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

GALLIS, Alfredo. **A Baixa, Lisboa no Século XX** (A Grande Aldeia), Lisboa: Parceria Antonio Maria Ferreira, Livraria Editora, 1910.

GUINOTE, Paulo e OLIVEIRA, Rosa Bela. Prostituição, Boémia e Galanteria no Quotidiano da Cidade, in **Portugal Contemporâneo**, Lisboa: Selecções do Resder's Digest, 1996.

JACKSON, Lady. A Formosa Lusitânia. Tradução de Camilo, in Mário Costa, **O Chiado Pitoresco e Elegante, Figuras Usos e Costumes**, Lisboa: Gráfica Santelmo, 1965.

LEAL, Olavo D'Eça. O Chiado, Eterna Rapariga in **Eva** n.º 899, 1946, p. 14-15.

LIMA, Cristiano. O Chiado Espelho Fiel da Cidade que os Nossos Olhos se Recusam a Ver... in **Eva** n.º 835, 1941, p. 30, 31.

O Chiado e os Chapéus d'Elas in **Modas e Bordados** n.º 1435, 1939, p. 5.

OLIVEIRA, Daniel. O Fim do Mito in **Vida Mundial**, p. 28-43. snt.

Novas Lojas em Lisboa e Porto in **Pública, Público**, 1997.

Como Lisboa Progride - Cidade de Encantos, a Nossa Capital Começa Marcando pela sua Distinção... in **Semana Ilustrada** n.º 1, 1927.

Crónica de Uma Artería que Eça de Queirós Imortalizou in **Selecções Femininas** n.º 148, 1967, p. 51-52.

VELLOSO, Rodrigo. **Aspectos de Lisboa**, Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

VIVA Amoreiras, 1995, p. 8, 9.

Recebido em: 21/05/2017

Aprovado em: 06/06/2017

Endereço do autor:

Valter Carlos Cardim
Universidade Europeia
Av. Dom Carlos, 4
1200-649 Lisboa, Portugal